

# O COMUNISTA

Órgão e propriedade do Partido Comunista (S. P. I. O.)

Numero avulso 20 centavos

Redactor principal:

J. CARLOS RATES



Publicação

quinzenal

Redacção e administração:

Rua do Conde das Antas, 51 r/c

Composição e impressão:

R. de Preciação, 78, 1.º—T. do Jardim, 12

PROPRIEDADE DO

Centro Comunista de Lisboa

Editor

JOSÉ RODRIGUES

## Portugal e Hespanha

A ideia duma Revolução isolada de caráter proletário, em Portugal, deve ser posta absolutamente de parte por insustentável. Porém, o estado de agitação crescente da Europa, tornam perfeitamente viável uma ação combinada com os nossos camaradas hespanhoses.

Em Hespanha, como em Portugal, existe a mesma instabilidade governativa, a mesma fragmentação dos partidos políticos. Esta situação enfraquece a ação dos Estados. Alimentar, pelos meios possíveis, esta pulverização dos políticos burgueses; arremessa-los cada vez mais uns contra os outros, aproveitando as suas divergências de credos políticos e religiosos e os seus critérios opostos em matéria económica e financeira, eis uma tarefa fácil.

E ocorre perguntar: — o que faria a Europa burguesa em face duma Revolução triunfante na península ibérica?

A França está, como se sabe, asoberbada de dificuldades insuperáveis e impotente por isso de pensar a sério numa guerra de invasão. De resto, a experiência da guerra napoleónica na península provou que a Hespanha e Portugal, não são, pelo acidentado do seu relevo orográfico, conquista fácil, ainda quando a tentem os mais brilhantes cabos de guerra e os melhores soldados que a Europa viu. Por isso a França limitar-se-ia a guarnecer a sua fronteira dos Pirineus, isolando-nos economicamente por aquele lado.

A Inglaterra é demasiado prudente para pensar em submeter-nos pelas armas, nem tampouco está em estado de o tentar. Um bloqueio rigoroso, num litoral que mede 2.800 quilómetros de extensão, não é cousa fácil fazer-se, ainda mesmo pela Inglaterra. Poderia, sem dúvida, dificultar imenso o nosso comércio marítimo. E esse um perigo com que devemos contar mas que nos não impede de marchar avante. Devemos mesmo prever o isolamento económico e não alimentar ilusões perigosas.

Eis as possibilidades políticas e internacionais. Vejamos agora as possibilidades económicas.

A península ibérica tem uma superfície total de 59 milhões de hectares, números redondos, dos quaes 48 milhões são terras produtivas, para uma população de 25 milhões de almas, aproximadamente.

Reportando-nos às estatísticas oficiais e a outras publicações da especialidade encontramos as seguintes cifras de produção no que respeita a cereaes panificáveis:

### Trigo

Hespanha, produção média anual no quinquenio 1918-22	3.630.000 tons
Portugal, produção média anual no quinquenio 1916-20	205.000 "
Total	3.835.000 "

### Milho

Hespanha, produção média anual no quinquenio 1918-22	630.000 tons
Portugal, produção média anual segundo o sr. Cincinosta da Costa	500.000 "
Total	1.130.000 "

### Centeio

Hespanha, produção média anual no quinquenio 1918-22	650.000 tons
Portugal, produção média anual no quinquenio 1916-20	110.000 "
Total	760.000 "

Ora computando em 146 quilogramas, o consumo de trigo por ano e por habitante, o que é boa media segundo o sr. Anselmo d'Andrade, vemos que são necessarias para os 25 milhões de peninsulares, 3.650.000 tons., havendo portanto um saldo a nosso favor de 205.000 tons. e isto sem recorrer aos outros cereaes panificáveis — o milho e o centeio, que são a base alimentar duma boa parte das populações campestres de Portugal e Hespanha.

Em arroz produzem os dois países 375 milhões de quilogramas, mais, muito mais do que o consumo anual dos 25 milhões de habitantes, que não pôde ir alem de 125 milhões de quilogramas.

Nós não temos açúcar, a Hespanha tem-o.

Em azeite produzimos, nós e a Hespanha, mais de 2.500.000 hectolitros, o que dá uma capitação sobranter de 100 litros por ano e por habitante.

Em gado bovino e suíno reunimos 7 milhões de cabeças e em ovino e caprino mais de 24 milhões. É preciso que se saiba que a Hespanha é hoje o paiz maior produtor de lã, na Europa.

Em produção manufactureira a Catalunha é hoje um dos mais ricos países do mundo e no norte de Hespanha a produção da hulha, do ferro e do aço e de outros produtos metalurgicos é tambem prometedora, sem isto querer dizer que seja bastante.

Enfim, não sendo de risonha abundancia a nossa situação seria perfeitamente sustentavel se não fôr...

Todas as revoluções sociais são inicialmente desorganizadoras. A transição do sistema capitalista de produção para o sistema comunista não se opera sem profundos solavancos.

## Sumario

- Portugal e Hespanha  
J. Carlos Rates
- A constituição económica da Russia  
V. Miloutine
- A questão dos internacionaes  
Carlos d'Araujo
- Os camponeses no ato revolucionario  
Adolfo Moraes
- O fascismo em Italia
- A campanha inglesa contra a Russia  
O movimento operario e sindical
- Os jovens sindicalistas
- O que houve no Ruhr?
- Programa de ação do Partido Comunista  
Organização comunista, meios e fins

## O QUE HOUE NO RUHR?

As notícias que até uos chegaram dos sucessos ocorridos na região ocupada pelas tropas francezas são extraordinariamente confusas.

Houve conflitos graves em Gelsenkirchen, Bochum, Dortmund, Essen, Düsseldorf, Duisburg e ainda noutras cidades, de que resultaram mortos e feridos. Algumas destas cidades, como Essen e Dusseldorf, tem mais de 300.000 habitantes.

O que parece incontroverso é que se não tratou de movimentos revolucionarios caracteristicamente comunistas. Se assim fosse não poderiam desenvolver-se por um tão longo periodo de dias sob as vistas complacentes das tropas francezas de occupação.

Isto é que é intuitivo.

Parece tratar-se de movimentos caracteristicamente economicos, de lutas por aumento de salarios, em que os comunistas, como é natural, desempenhassen um papel preponderante, esforçando-se mesmo por alargar o objetivo primitivo do movimento.

É o que deduzimos de tudo o que temos lido sobre o conflito que parece já agora solucionado a favor dos operarios.

Quanto maior for a abundancia, mais facil será a applicação da formula comunista. Mas a abundancia tem a nova sociedade que a cria (e só ella a pode criar), exigindo sacrificios ao trabalho e restricções ao consumo.

A sociedade burguesa deixa-nos uma penultima herança.

# A campanha inglesa contra a Rússia

## A última nota inglesa, absolutamente inadmissível, só significa o firme propósito de rompimento

A nota que o representante britânico em Moscú entregou, no dia 8, do mez pretérito, ao governo dos Sovietes revela claramente as intenções de Lord Curzon: romper com a Rússia.

Quando um governo pede a outro que retire o seu embaixador, já as relações diplomáticas se podem considerar tensas. Mas na historia diplomática, não há precedentes do caso actual: um governo exigindo de outro a retirada dos seus embaixadores acreditados em países estrangeiros! Esta exigência demonstra a evidência que especie de «divulgo» os vencedores de Versalhes julgam ter conquistado sobre os povos.

Ora, é bom recordar que a Inglaterra não venceu a Rússia. Na guerra que a Grã Bretanha fez a Revolução, de 1918 a 1920, foi ela a vencida. Os exercitos brancos que ela pagou, equipou e organizou, foram todos esmagados pelo Exército Vermelho.

Uma outra exigência inglesa, acerca das «aguas territoriais» visa a impôr à Rússia — numa questão que nunca pode ser regulada pela via internacional — o reconhecimento da vontade britânica, como se essa vontade tivesse força de lei! Isto é, nem mais nem menos do que a provocação para o rompimento. Em todas as outras questões levanta as pela nota inglesa do dia 8, sem o poder dos Sovietes legitimadas contra reivindicações a opôr ás brutas reivindicações britânicas. Nessa nota fala-se num cidadão inglês fusilado na Rússia em 1920. Ora em Arkangel, os ingleses fusilaram centenas de cidadãos russos. Os 26 comissarios sovietistas de Baku foram, em 1918, arrastados para a estepe e fusilados por ordem do oficial inglês Tig Jones.

Se o governo britânico quisesse apagar a recordação dessas atrocidades bélicas — perpetradas contra a Rússia sem declaração de guerra — já o poderia ter feito duma maneira satisfactoria para ambas as partes, que lhe não tem faltado as ocasiões e a possibilidade de o fazer.

### Lord Curzon não quer a paz com a Rússia dos Sovietes

Lord Curzon é um dos agentes da seita imperialista inglesa habituada a entender-se na Ásia, com o terrorismo e que, não só não pode ver o regime dos Sovietes, como odia o povo russo, povo de 150 milhões de almas, cujo desenvolvimento está dependente da libertação dos escravos asiáticos do domínio inglês.

Lord Curzon foi o adversario da politica de Lloyd George, politica que visava um entendimento com a Rússia, embora à custa desta. A subida dos conservadores ao poder, por Lord Curzon mais à vontade.

É muito simples o seu cálculo: a Rússia conseguiu esmagar a intervenção de 1919-20 mas, em compensação, arruinou-se. Em dois anos de paz, começa a sua reconstrução económica, mas graças um periodo de horrores sofreu nos últimos tempos, a fome deixou de rondar à porta dos operários russos; a superficie de terras cultivadas aumentou 20%; a colheita de trigo e milho permitte à Rússia a exportação de 150 milhões de puzes de trigo. Este facto só daria luzes ao comércio inglês. Mas, quanto à reconstrução da Europa, Lord Curzon faz tanto caso dela como o sr. Poincaré se, para consequência, for necessário tolerar o renascimento da Rússia.

O rompimento de relações comerciais não é, evidentemente, a guerra. A Inglaterra não pode, na situação actual, fazer a guerra à Rússia. Mas o rompimento de relações diplomáticas significa que o imperialismo inglês se prepara para mobilizar todas as suas forças contra a Rússia dos Sovietes. Polónia, Romênia, E todos limitrofes da Rússia, todos estes vassallos da Entente, todos os generis do antigo regime, que se encontram entre a emperação russa, vão combater novamente a influencia da obra exterior e preparam-se para combater a Rússia Vermelha.

Nesta nota insistimos de estranhamento da Rússia, tem Lord Curzon e apoio de certos meios capitalistas ingleses, que perderam a esperança de ver a Revolução de Outubro abandonar as suas conquistas.

As firmas comerciais de Londres, às quaes não convem o nosso monopólio do comércio exterior; os cavalheiros d'indústria — como o sr. Unquard — convencidos já de que os Sovietes não deixam pilhar as riquezas naturas da Rússia e existe ados por esse facto, re-lançam agora um novo assalto contra ela.

### O assassinato de Vorovskí: um dos resultados da campanha inglesa

Ainda a Rússia não tinha respondido à nota inglesa e já caía a primeira victima de combate entre o imperalismo britânico e a Revolução russa.

O assassinato do camarada Vorovskí, plenipotenciário dos Sovietes na Conferencia de Lausanne, coetido por um fascista russo-suiço, o filho do chocolateiro Contrádi, de Petrogrado, é um dos resultados da recente campanha inglesa. A historia da vingança pessoal de Contrádi, não resiste ao exame critico. É admittivel que o fascista assasino tivesse contido, durante cinco meses, o seu desejo de vingança, que não tantas occasiões se tem apresentado de atingir qualquer representante dos Sovietes? Não! O miseravel matou porque a atmosfera que o rodeava era de incitamento ao crime.

Quando a Republica Suíça — sobre o protectorado inglês — recusou, ao representante diplomático dum país que abraça a sexta parte do mundo, direitos que a mesma Republica reconhece ao principado de Mônaco, o assassino viu logo que podia matar com muitas probabilidades de impunidade.

Pois seja! Os tiros disparados em Lausanne repercutem-se, com um eco, pelo mundo fóra. Esses tiros explicam a milhares de trabalhadores aquilo que a nota de Lord Curzon não diz. Eles dizem-nos que o capital internacional, desta vez sob a égide da Grã Bretanha, está empreendendo uma nova offensiva contra a primeira Republica Operária.

Esses tiros chamam ás armas os operários e os camponeses da Rússia. Eles são o grito de alerta lançado aos operários de todos os países para que estejam vigilantes: a heróica classe operária da Rússia tem necessidade do seu auxilio.

## Os jovens sindicalistas

Lêmos em O Despertar, órgão da mocidade sindicalista revolucionaria, no seu numero de 19 de Maio do corrente, na 1.ª pagina e 1.ª coluna:

Paritários duma vida igualitaria, onde o amor fraternal seja a base da sociedade, não podemos deixar de manifestar a nossa repulsa por determinados actos de violencia que tidamente vemos de ser cometidos.

Esses actos não tem justificação possível, manifestam intençaõ completa de ideal e pouca consideração pela vida dos nosos seus habitantes.

Certos desvalizados, covardes, incapazes de, altivamente, sacrificar-se por um ideal, entregam-se, no escuro da noite, sem consideração por coisa alguma, a cometer actos que revoltam a quem vive um ideal de Humanidade.

A violencia para alguns exalta los, cuja existência provem da inconsciencia, to' mais nem este sistema.

As teorias de emancipação humana não são positivamente teorias de destruição inconvincente.

Eis uma doutrina a que não regateamos aplausos. Mas o leitor entregue agora bem os olhos até se convencer de que está acordado e leia o mesmo Despertar, na mesma 1.ª pagina e 1.ª coluna e lá verá:

Monteiro Alves. O seu sacrificio foi uma legitima affirmação revolucionaria digna da nossa solidariedade.

Ora este Monteiro Alves era aquelle desgraçado fabricante de bombas que matou vilana da explosão da rua da Imprensa Nacional.

### E O Despertar prosegue ainda:

«Monteiro Alves figura na galeria infame da nossa saudade ao lado do Jaime de Figueiredo, do Armando Santos, do Estrela, do Vilça, do José Manuel, (outras tantas victimas de explosões de bombas) de tantos lutadores que para sempre perderam os seus corpos.»

Se a polveira é útil para manter a sociedade burguesa a dinamite é bela para a combater. E' por assim pensarmos que desejariamos se multiplicasse até ao infinito, o numero de homens como Monteiro Alves Monteiro.

E' caso para dizer-se: — se lá parecebo, sebo.

O que se vê é que O Despertar pretende sacudir a agua do seu capote e na ansia de sacudi-la vao até á denuncia, como os meninos pequenos que, apanhados em flagrante, choramingam e dizem: — Não fui eu, foi aquele!

Com vista ao artigo inserto na 2.ª pagina sob o titulo Aventuras de um reporter.

As Juventudes Sindicalistas de Porto e Gaia distribuíram um manifesto que termina assim:

«Fascismo e bolchevismo são as duas maiores calamidades sociais existentes; contra elas cumpre agir; e se o protesto contra o fascismo se ergue em frente aos consulados, o protesto contra o bolchevismo devemos faz-lo sentir sobre os seus agentes por Incariotes e por miseráveis — sobre os partidos comunistas.»

O Nucleo da Juventude de Lisboa aprovou a seguinte moção:

«A assembleia geral extraordinária do Nucleo Juventud Sindicalista de Lisboa, em 22 do corrente, ao discutir o artigo inserto no numero 19 de O Despertar intitulado «Legião Vermelha», resolve:

Manifestar ao Conselho Federal a sua discordância, com o referido artigo, por considerá-lo fora das normas morais, por que deve trilhar a organização juvenil.»

Para que zangarmos-nos com os rapazes, se a Revolução, de ouvido a escuta, hade empolgar-nos a todos, fazendo de uns e outros os seus heroes e as suas victimas?

## BALANCETE DE MAIO

### Caixa - Devo

Assinantes e subscritores...	185.000
Quotas - ações.....	210.000
Venda avulso.....	32.000
Agencias.....	8.000
Donativo de N. N.....	500.000
Donativo de C. R.....	5.000
<b>Total</b>	<b>240.000</b>

### Caixa - Haber

Quotas e impressões.....	57.000
Gastos gerenciais.....	29.000
Tiragem do 1.º numero.....	300.000
<b>Total</b>	<b>476.000</b>
<b>Saldo para o mez seguinte</b>	<b>484.500</b>
<b>Total</b>	<b>910.000</b>

# O FASCISMO NA ITALIA

Com o título «O que é o fascismo?» publicou Marcel Ollivier em «La Vie Ouvrière», um estudo que julgamos ser uma análise das mais completas e das mais sintéticas de que temos conhecimento sobre tão momentoso assunto.

Para Marcel Ollivier os traços mais característicos do fascismo são os seguintes: 1.º o fascismo é uma forma de reacção burguesa contra o proletariado; 2.º o fascismo é uma forma de acção ilegal, na acção da palavra, as leis e as instituições do país em que se exerce.

Mas o fascismo como movimento social, tem naturalmente uma causa de ordem económica, e apoia-se naturalmente, numa classe ou numa dada camada social, de cujos interesses e de cuja ideologia é a expressão.

Vejamos agora quaes são as camadas sociais em que se apoia o fascismo e quaes são os interesses económicos e políticos que elle representa.

Terracine constata:

Que o fascismo, que parecia ser um movimento das classes medias contra o proletariado e contra o grande capital, é no fundo uma reacção do capitalismo contra todos os seus inimigos; o grande capital transformou num instrumento de ditadura anti-proletariana as classes medias, inaptas a crearem um programa seu e métodos proprios.

Pois apesar do governo fascista dever a sua victoria ás camadas que formam a pequena burguezia, todas as suas medidas e todos os seus decretos a tem ferido fundamentalmente e em compensação ellas oferecem a caracteristica de se apresentarem como medidas favoraveis ás altas classes e aos interesses do grande capital.

E a prova-lo Terracine enumera as principaes medidas tomadas pelo governo fascista no dominio financeiro:

- 1.º Abolição da nominalidade dos valores;
- 2.º Dissolução da Comissão de revisão dos mercados de guerra;
- 3.º Redução consideravel dos impostos sobre o lucro;
- 4.º Redução do imposto sobre os automoveis;
- 5.º Supressão da subvenção ás cooperativas;
- 6.º Restrição do direito ao subsídio de rendas de casa por desemprego;
- 7.º Suspensão da subvenção do Estado ás escolas comunaes;
- 8.º Supressão do commissariado para a emigração;
- 9.º Dissolução do Conselho superior do trabalho;
- 10.º Introduçáo dum imposto sobre os salarios;
- 11.º Aumento do imposto sobre o rendimento dos pequenos proprietarios;
- 12.º Aumento dos vencimentos aos officiaes;
- 13.º Recuo das pensões dos invalidos da guerra;

14.º Despedimento de 50.000 ferroviarios e empregados dos correios e telegrafos.

E por fim, tem-se em vista a abolição para o simples do imposto sobre a herança.

O estado fascista tem simplesmente por fim, com as suas medidas favorecer as camadas superiores da burguezia, fortalecendo o seu poder economico pela alienação de toda a força economica que o Estado até hoje detinha nas suas mãos.

Por isso Terracine constata que: «Um outro ponto importante do progresso financeiro do governo fascista, consiste no regresso do Estado ás suas funções puramente politicas e administrativas e o abandono de toda a actividade industrial e comercial.

A abolição de todos os monopolios do Estado é um ponto importante do programa fascista das finanças. Pensa-se em entregar aos particulares os caminhos de ferro, os telegrafos e telefones. Já foi abolido o monopolio das lampadas electricas e dos fosforos e entregues os telefones á industria particular, e tem-se em vista elaborar um projecto de lei sobre a venda dos telegrafos.

Não se julgue que o governo fascista tem por fim com este abandono de toda a actividade industrial, favorecer os interesses do país, pois a provar o contrario está, entre outros, o facto do governo se emiscuir nos negocios da maior sociedade industrial italiana Ansaldo a qual atravessando uma crise que foi a causa principal do craque do Banca Di Scorta, conseguiu do Estado um contrato salvador mas que vem afetar o orçamento do mesmo em cerca de 200 milhões de liras, pois que o governo renuncia ao recebimento de milhões de impostos atrasados, faz construir navios inúteis, redes ferroviarias, etc., e consagra — coisa inteiramente nova que resume toda uma concepção de politica financeira — fortes somas á compra de ações depreciadas, apesar dos peritos se mostrarem muito scepticos quanto ao futuro da Ansaldo.

O fascismo italiano que recrutou os seus aderentes nas camadas da media burguezia, nos intelectuaes, nos antigos officiaes, nos pequenos comerciantes e pequenos proprietarios e nos elementos mais atrasados do proletariado, etc; que ideologicamente se baseava nas ideias nacionalistas patrioticas e religiosas dominantes nestas camadas, que politicamente tinha como lema principal do seu programa a guerra de luta de classes, e cujo objectivo essencial era realizar o acordo das classes no interesse nacional comum, apresenta-se como acabamos de ver, como a organização de defesa e de ataque das camadas da alta burguezia representativas da grande industria do alto comercio e da alta finança.

As classes medias pela sua ideologia, imprecisa, nebulosa e vaga, correspondente a uma situação economica incaracteristica, assente em bases economicas dia a dia menos firmes e cada vez mais osci-

lantes, mostram-se incapazes duma politica propria, com objectivos nitidamente traçados e são fortemente impellido, como nota Ollivier, conforme as circunstancias, «ora para os braços da Revolução, ora para os da reacção.»

As classes medias que, ao iniciar-se em Italia a revolução proletariana para ella se inclinavam, mostraram-se em seguida desiludidas pela incapacidade dos socialistas em realizarem as suas promessas. E com estas camadas, uma grande massa proletariana.

Esta mobilidade, desta inconstancia, desta imprecisão de objectivos economicos e politicos nitidamente postos e sentidos, das desilusões e receios do futuro, enfim, dum conjunto multiplo de causas e motivos, creou-se a atmosfera rasoavel ao desenvolvimento do fascismo, habilmente aproveitado e dirigido na defesa dos interesses e privilegios não das classes medias, mas sim, da alta burguezia.

O fascismo appareceu na Italia como apparece por toda a parte como ultima reacção do Estado burguez em decomposição. Este, tendo falhado nas suas formas pseudo-democraticas em politica e liberaes em economia, só vê a salvação nos mais violentos processos da ditadura da classe burguesa a favor das suas mais altas camadas que oligarquicamente pretendem e são arrastadas á conquista do monopolio economico e consequentemente politico.

Resumindo: diremos como Ollivier, que o fascismo determinado por um certo numero de factores economicos e politicos, presuppõe: 1.º um previo abalo social, que ponha em grave perigo as posições economicas e politicas da burguezia, em favor do proletariado; 2.º uma reforçamento da situação economica da burguezia, era geral, e da grande burguezia, em particular; 3.º uma decomposição bastante avancada das classes medias e das formas de produção correspondentes.

Correspondendo as duas ultimas condições, ao desenvolvimento da grande industria, á concentração das empresas e á decomposição das formas de produção da pequena burguezia.

## O que significa a conquista dos sindicatos?

E' esta a pa te fraca do trabalho e milita a em muitos países.

Ha países onde se compreende por conquista dos sindicatos a posse dos cargos directivos. Desde que os secretarios e presidentes dos sindicatos são comunistas, tranquiliza-se e é ao primeiro alarme, até ao primeiro conflito. E só então, quando começa o conflito se compreende que não se conquistaram ainda as massas e que a posse dos commissários não era a verdadeira conquista dos sindicatos.

E' o que temos observado em varios países. E porque succede assim?

Porque nos partidos comunistas não lhes pareceu necessário modificar as aspirações comunistas em consciencia comunista; porque eles não crearam, no seio dos sindicatos, nos comunistas ligados por uma forte disciplina; e ainda porque delegaram a todo o momento o encargo de conduzir uma organização de massas. Infelizmente ainda em muitos países os comunistas não fazem a educação das massas e por consequência, conquistam os sindicatos e conquistam essas massas, á fazer a sua educação comunista, é organizar em principio comunistas os elementos mais agrupados para que tenham o sindicato, em todas as suas manifestações, esteja totalmente impregnado do espirito e da consciencia comunista.





# CONSTITUIÇÃO ECONOMICA DA RUSSIA

A administração económica da Rússia dos Soviets baseia-se nos dois princípios seguintes:

1.ª — A directa participação tanto das camadas operárias como dos sindicatos na questão da produção;

2.ª — A centralização e a concentração da produção socialistas — coincidindo, aliás, com as mais raras das faculdades de iniciativa — conferidas às administrações industriais locais.

Logo do começo da revolução, e assim que se formaram as comissões de oficinas e de fábricas, e em seguida os sindicatos, que, em 1920, já abrangiam 6.500.000 membros, — os operários russos dedicaram o melhor da sua energia à organização da produção.

O congresso pan-russo do Conselho Superior de Economia (C. S. E.) decidiu, em 1920, que «a organização da produção deve essencialmente apoiar-se nos sindicatos...» As mais importantes questões da política económica são prontamente resolvidas pelo Conselho Superior de Economia, de acordo com o Secretariado do Conselho Central dos Sindicatos. O funcionamento das empresas é constantemente fiscalizado pelos Sindicatos.

A administração e a direcção das empresas pertence exclusivamente aos órgãos do Conselho Superior de Economia. Os representantes dos Sindicatos nos colégios dos centros industriais estão subordinados ao C. S. E.

Em caso de conflito entre o C. S. E. e o Conselho Central dos Sindicatos, a questão é debatida em assembleia geral comum a ambos os órgãos, que a derimirão soberanamente.

Estas regras não são teóricas; são antes o resultado duma longa prática quotidiana. Além disso, todos os membros do C. S. E., bem como quasi todos os trabalhadores responsáveis, são nomeados com o assentimento do Conselho Central dos Sindicatos. Os postos importantes na direcção da industria são atribuídos aos indivíduos julgados como os mais capazes, ao mesmo tempo pela organização sindical e pelos órgãos soviéticos competentes.

Os órgãos económicos centrais e locais reúnem-se, em suma, para o estudo das questões que digam respeito ao trabalho e à produção, em conferências de delegados operários nomeados por oficinas ou manufaturas.

Desta maneira, as camadas operárias da Rússia estão directamente interessadas no proprio funcionamento da produção. Para o futuro, como até aqui, toda a nossa politica económica tenderá a despertar em cada trabalhador o sentimento da importancia a ligar à tarefa que lhe incumbe. O que nós desejamos é que o nosso plano de produção se torne amplamente conhecido e compreendido; o nosso fim, numa palavra, é a produção consciente.

Passemos agora à questão da produção considerada como um todo. Salientemos primeiramente que é inexacto dizer-se, tal como se não tem feito de afirmar, que os Soviets não procedido cáetizmente à nacionalizações prematuras e demasiada-

mente gerais. Em Julho de 1920, tanto a grande como a média produção eram nacionalizadas, ficando como estavam, isto é, não nacionalizadas, aproximadamente umas 4.500 pequenas empresas.

Das 6.400 empresas nacionalizadas, 2.910 passaram a ser dirigidas pelo Conselho Superior de Economia, e 3.500, aproximadamente, dirigidas pelos Conselhos Locais de Economia. O C. S. E. ficava com o direito de regulamentar a produção dos estabelecimentos pertencentes a esta segunda categoria; a repartição dos produtos do seu trabalho não poderia efectuar-se sem o seu assentimento. A primeira categoria dessas empresas era muito mais importante.

Dum modo geral, as empresas nacionalizadas apresentavam-se-nos da seguinte forma:

Pela força das circunstâncias, nós fomos levados a dar a forma de *trust* às empresas e a concentrar a produção nas mais bem apetrechadas. Em Julho de 1920, tínhamos 179 *trusts* do Estado. Já nessa altura certas indústrias se encontravam inteiramente transformadas em *trusts*.

Os nossos *trusts* mais importantes são: *Construção de Máquinas* (16 grandes oficinas), *Electro-Trust*, *Textil* (50 empresas) e a refinação de açúcar.

Todos os ramos de industria constituem, entre nós, um conjunto, um todo unico. A concorrência capitalista, opõe-se o poder dos Soviets, contrapondo-lhe a unidade do plano de economia nacional.

Essa mesma unidade se traduz na aproximação entre a agricultura e a industria.

A economia nacional unitária, centralizada, racionalmente organizada pelos órgãos do governo dos Soviets, no funcionamento dos quais participam, directamente, as grandes camadas operárias — tal é a base da nossa produção.

V. Miliontine

## A questão das Internacionais

Somos enfim chegados àquele momento em que como operários organizados temos que definir a nossa atitude perante as internacionais sindicalistas existentes, mas com perfeito conhecimento e consciencia bem nitida da posição a tomar.

Este assunto está, e justamente, interessado os sinceros militantes do movimento operário que não só atendendo às heroicas tradições revolucionarias do proletariado portuguez como ainda à imperiosa necessidade de trilhar a estrada das realisações praticas e não utopicas no campo revolucionario que temos de efetivar, lutam para que a C. G. T. portugueza marque definitivamente aquela diretriz de unidade e acção que ha-de conduzir o proletariado de todo o mundo ao assalto das posições burguezas, sem o qual jamais se aniquilará a sociedade capitalista.

Duas são as correntes que se debatem no nosso paiz: — Berlim e Moscou.

Vamos serenamente analisar o que são e o que valem como forças organizadas as citadas internacionais e para isso principiaremos por Berlim.

Mas de facto existir alguma seria tentativa de internacional em Berlim que mereça as preocupações do operariado portuguez?

Não, a pseudo-internacional de Berlim é um agregado de elementos que esquecendo-se por completo dos seus deveres revolucionarios atacam cobardemente a Revolução Russa e cavam a scisso na familiar produtora. Não tem ideias positivas, palavras concretas de ataque à burguezia, nada revelam de exoquível no campo revolucionario, apenas o odio e o despeito os anima a emparcalhar com a burguezia nos seus ataques ao primeiro Estado proletariano, que o sangue dos oprimidos conseguiu estabelecer na Russia.

E para que os seus ataques produzam efeito, nos estatutos da A. I. T. afirma-se a finalidade comunista libertaria porque algum rotulo deveriam pôr na mercadoria para mais facilmente estabelecerem a confusão nos arraiaes proletarianos. De facto, uma parte da classe operaria tem tomado a serio os seus criminosos manejos.

Para se avaliar da importancia da internacional de Berlim vejamos o que dizem os numeros; é a eloquencia dos algarismos que melhor do que nós afirma que felizmente os trabalhadores de todo o mundo não desejam colaborar com elementos cuja conduta só pode aproveitar à burguezia, prejudicando a unidade dos dos esforços operarios.

Eis as unidades operarias aderentes à A. I. T.:

Confederação anarcosindicalista da Argentina.....	30.000	filiaos
I. W. W. do Chile...	3.000	»
Sindicatos elemes...	30.000	»
Fração da União Sindical Italiana (Borghi).....	20.000	»
Federation (Noruega).	3.000	»
C. G. T. (Portugal)...	80.000	»
Central Sindicalista da Suécia.....	32.000	»
C. N. T. (Hespanha)...	200.000	»
C. G. T. (Mexico)...	30.000	»
Comité de Defesa Sindicalista da França...	30.000	»
<b>Total...</b>	<b>458.000</b>	<b>»</b>

Algumas dúzias de tchecos intellectuaes nacionalistas que se dizem representantes do sindicalismo tcheco-slovaco e finalmente a *soit-disant* minoria sindicalista revolucionaria russa, composta de emigrados russos, suas mulheres e filhos.

E' por calculos largamente favoraveis, este o numero dos seus aderentes que já comecam a debandar por verem o logro em que caíram, que os Rocker, os Schapiro, os Borghi e outros conseguiram arredar do ataque ao Estado burguez e por conseguinte do caminho da Revolução.

Carlos d'Araujo

## A imprensa na Russia

Em abril do corrente ano existiam na Russia 513 jornaos com uma tiragem global de 1.882.000 exemplares.

Esses jornais estavam assim distribuidos nos principaes centros de população: em Moscou, 38; em Petrogrado, 46; em Kharkov, 14; em Kiow, 13; em Tiflis, 13.

# A ação dos camponeses na Revolução



## As internacionais sindicais

As organizações internacionais atualmente existentes são:

- 1.º — A. F. S. I. de Amsterdã;
- 2.º — 29 federações internacionais de indústria;
- 3.º — A. I. S. V. (Moscou)
- 4.º — 13 comités internacionais de propaganda nas federações de indústria (Moscou)
- 5.º — A. A. I. T. (Berlim)

**Amsterdã.** — Esta internacional agrupa 24 centros sindicais, das quais 4 fora da Europa (Argentina, Peru, Canadá e África do Sul). Conta 21 milhões de membros cabendo 15 milhões à Alemanha e 4 Inglaterra. Os restantes 22 países agrupam 6 milhões de sindicalistas.

Entretanto estes números não correspondem exatamente à verdade visto que estes se acham incluídas as minorias revolucionárias aderentes à I. S. V.

As federações internacionais de indústria que contam os mesmos sindicatos, podem-se dividir em 20 milhões de membros. São simples secretarias de informações e estatística, muito subúrbias, entretanto. Os operários da construção civil têm 3 internacionais de ofício. O livro, 3 também, (impressores, encadernadores e tipógrafos). Há internacionais de cabeleiros, etc. (12.000), de peleiros (12.000), de chapeleiros e ceramistas.

As mais fortes federações internacionais são as das metalúrgicas (3.400.000), dos mineiros (2.600.000), dos transportes (2.300.000), textil (1.600.000), madeira (500.000), construção civil (500.000).

**A. I. S. V.** — é uma organização internacional, compreendendo 22 centros e organizações industriais fora da Europa (Austrália, Estados Unidos, Canadá, Urugway, Brasil, Argentina, Indonésia, China, Índia, Japão, Coreia, Pérsia, Turquia, Egito, Mércico, etc.). Não ha um unico país do mundo em que o proletariado não esteja ligado à I. S. V. ou por laços economicos ou por laços politicos.

A I. S. V. é constituída por centros sindicais nacionais (Rússia, França, Tcheco-Slováquia, Bulgária, Estónia, Pérsia, etc.) e por fortes minorias revolucionárias (Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Bélgica, Escandinávia). Enfim, noutros países, só os excessos do terrível branco impedem a adesão do movimento sindical à I. S. V. (România, Itália, Jugo Eslovávia, Hungria, Finlândia, Polónia, etc.). Os aderentes à I. S. V. podem computar-se entre 12 a 13 milhões de sindicalistas.

Os 13 comités de propaganda, correspondem às federações de indústria e estão ligados à I. S. V. Nos transportes, construção civil e madeira, conta com perto da metade das forças internacionais, nos metalúrgicas, nos mineiros e nos trabalhadores do coiro, com 30 a 40% do numero dos seus aderentes.

**A. A. I. T.** — A Associação Internacional dos Trabalhadores com sede em Berlim foi constituída por alguns grupos de sindicalistas libertários da Alemanha, da Itália e da Espanha e conta com a adesão de 450.000 membros. Esta esquelética internacional, caracterisa-se pela verbosidade e pela impotencia, e parece ter sido exclusivamente criada não para combater a burguesia mas sim a Revolução russa, a I. S. V. e os comunistas.

**Portugal.** — No mez de maio estabeleceram-se as greves seguintes: metalúrgicas de Lisboa, cujo salario medio passou de 1340 por dia para 1540; alfaiates de Porto, que obtiveram um aumento de 50%, e que tem hoje o salario medio mais elevado no país, computado em 2140; os descarregadores de sal de Setúbal que obtiveram um aumento de 25%, dando a sua greve origem à greve geral marítima que por culpa dos mesmos descarregadores de sal de Setúbal não foi melhor aproveitada. Prossegua a greve dos taxis de Oeiras. O abastecimento que mais tem preocupado o operariado português nestes ultimos tempos é a questão das internacionais. Os partidários da I. S. V. acabam de publicar um bom artigo e fundamentado manifesto que todo o proletariado deve ler. Põe a que a falta de espaço com que lidamos nos não permita transcrevê-lo na íntegra.

**Brasil.** — Um paragrafo da nova constituição menciona a garantia da liberdade de traba-

# MOVIMENTO OPERARIO E SINDICAL

do, sem proteções. Mas o actual ministro do trabalho, Marzotto, apressou-se a interpreta-la praticamente a seu modo pela seguinte forma: «O Estado poderá intervir entre estas relações (de da produção) pela lei, com o fim de impedir conflitos economicos ou sociais.»

A Marzotto o homem que em 13 de dezembro de 1918, fez fusilar os manifestantes na praça do Teatro de Buzarov, já não lhe basta a lei sobre os sindicatos, mas a lei sobre greves do seu predecessor (Travico-Jassy). Estas leis ainda consentiam na organização operaria a que se vai por termo pela criação dum novo Código de Trabalho (Codigo Mussa), e qual promette a obrigatoriedade ao trabalho para os operarios de todas as categorias; prohibe a organização dos operarios com menos de 18 anos. Como se vê, o primeiro ponto, significa a escravização de toda a classe operaria pela obrigação de fazer greves; o segundo ponto, completa o primeiro.

As organizações profissionais da juventude qualquer que seja o seu nome, que existiam de facto ou integralmente serão dissolvidas de promulgar-se esta lei. Os trabalhadores com menos de 18 anos e que pertencem aos sindicatos perdem a sua qualidade de sindicalistas.

O que é a confirmação da exploração das crianças e dos adolescentes já legalizada por antigas leis. O artigo 378 do Código de Trabalho diz: «O trabalho é interdito às mulheres e às raparigas e ao jovens com menos de 18 anos. Muito bem! Mas não se esqueçam, porque mais adiante o Código acrescenta: «O trabalho interdito para os jovens deve ser pelo menos de 11 horas. O Estado não prohibe portanto que os jovens possam ser forçados a trabalhar 18 horas por dia. Mas mais ainda: «Para os rapazes com menos de 16 anos, para as mulheres e raparigas de qualquer idade a noite começa às 20 horas e termina às 5; para os rapazes com menos de 16 anos começa às 20 e acaba às 5.»

Isto é, conhecido-se aos rapazes com menos de 15 anos um repouso de 8 horas (portanto 15 de trabalho por dia) e aos que tenham mais de 15 anos, uma noite de 7 horas adiante (o que quer dizer, que se admitem 19 horas de trabalho). Nenhum paragrafo do projeto de lei diz qual a categoria da mocidade que poderá gozar o repouso noturno de 11 horas.

## O comercio da Russia com a Inglaterra

A Inglaterra comprou à Russia durante o mez de março findo mercadorias no valor de 673.000 libras esterlinas e expediu para a Russia 15.000 toneladas de mercadorias no valor de 212.000 libras.

Lord Curzon considera o comercio russo-britânico como um fator insignificante quando estão em jogo os interesses superiores do imperialismo britânico.

Naturalmente os comerciantes ingleses não pensam neste caso como Lord Curzon.

## Os artistas na Russia

Realizou-se em abril o Congresso dos Trabalhadores de Arte.

Os sindicatos de artistas russos abrangem 70.000 trabalhadores — actores, musicos, ginastas e atletas, ensaiadores, coreografos, etc.

Tomaram a resolução de dirigir um apelo aos artistas de todos os países convidando-os a constituir a Federação Internacional dos Trabalhadores de Arte.

O 1.º Congresso do P. C. P. apreciará uma tese já elaborada sobre a *Questão agraria*, onde se faz o estudo detalhado da solução do nosso problema agrícola que nós, os comunistas portugueses, reputamos um problema essencial.

Os camponeses, porém, não temem que esperar por um decreto do governo revolucionario. A solução da questão agraria entre nós deve ser um dos atos da Revolução. Em íntima colaboração com o proletariado das fabricas, os camponeses logo que tenham conhecimento da revolta nas cidades, devem ir aos grandes domínios particulares e repartirem as terras entre si.

Cada camponez deve tomar para si o sua familia toda a terra que possa trabalhar por suas mãos. Os que forem rendeiros de terras que trabalhem devem deixar de reconhecer quaisquer direitos aos seus atuais proprietarios que vivam parasitariamente da cobrança das rendas.

Esta solução deve ser fulminante. Nada deve deter o trabalhador dos campos antes de efetiva-la.

Possivelmente haverá excessos. Muitos camponeses tomarão para si mais terra do que aquela que possam trabalhar por suas mãos. Estas manifestações do egoísmo individual terão depois de ser corrigidas pelos órgãos do Estado proletariano.

Por seu lado o Estado proletariano providenciará, tão rapidamente quanto possível, para que uma solida e eficaz assistência tecnico-financeira seja prestada a todos os camponeses necessitados.

Que os camponeses fiquem assim comprometidos do papel que lhes incumbe no ato revolucionario e que retenham esta maxima:

*A terra para o camponez; que cada um tome para si a terra que por suas mãos possa trabalhar.*

Em todas as freguesias rusticas do continente os camponeses devem desde já constituir as suas communas, estudar o problema da divisão das terras, o seu melhor aproveitamento, as formas de auxilio mutuo pelas adegas e lagares communes, etc., a questão das estradas que sirvam à circulação dos produtos e mil outros problemas conexos.

Os camponeses, na posse das terras, não devem recusar o pagamento dum imposto em especie, imposto que servirá para a manutenção dos serviços publicos — estradas, instrução, hospitalização, etc., etc.

## O PRIMEIRO DE MAIO

A segunda feira de Maio abriu no dia 20 de Maio.

O seu fim principal é intensificar as relações commerciaes com a Pérsia. Para este fim foram concedidas aos comfocentes estrangeiros certas facilidades aduaneiras: A industria russa oferece em Baku os seus produtos textis, tecidos, feltros, vidros e porcelanas; papel, instrumentos, etc. A Russia compra por sua vez no la, algodão e gado de montanha.

# O programa de acção do Partido Comunista



Suspeitas. 1938

## Propaganda antimilitarista

O P. C. considerando que o regime capitalista não poderá ser derrubado senão pela força, e inspirando-se no princípio do armamento do proletariado, defende a necessidade de levar a propaganda comunista às forças armadas da burguesia com o fim de adquirir o apoio destas forças para a causa do proletariado.

Procurará nunca perder o contato com os jovens comunistas chamados às fileiras e por seu intermédio conhecer as reivindicações dos soldados, tornar-se o eco dessas reivindicações, preconizar nos sindicatos, nas federações e na C. G. T. a necessidade da criação de instituições de auxílio de assistência a todos os jovens sindicados chamados a serviço militar de acordo com as organizações da juventude.

O P. C. acompanhará todas as campanhas internacionais de carácter antimilitarista tendentes a diminuir o poder de coação burguesa, defendendo o princípio da redução dos armamentos, do tempo de serviço militar, da organização das milícias, e da aplicação das economias resultantes ao desenvolvimento da instrução popular e do fomento da riqueza pública.

## A propaganda entre os rurais

Considerando que Portugal é um país onde predomina a população rural e sabido como é, pelas experiências das revoluções russa e húngara que uma revolução social que não tenha o apoio da maioria dos camponeses não poderá vencer; julga como uma das suas essenciais tarefas o levar aos campos a propaganda comunista. Para o que, procurará no seu órgão reservar um lugar às questões que mais possam interessar os trabalhadores dos campos, enquanto não puder crear um órgão especialmente a eles dedicado.

Esforçar-se-há pela criação de grupos comunistas rurais ligados a uma comissão partidária cujo papel consistirá essencialmente em conhecer e estudar as condições de vida e de trabalho dos salarizados ou dependentes dos grandes proprietários, e quaes as reivindicações de ordem imediata particulares a cada região.

O P. C. defenderá e dará o seu apoio à organização rural existente, esforçando-se pela criação de novos sindicatos, reforçando os existentes.

O P. C. procurará estudar as formas e os meios mais convenientes de associar os pequenos proprietários, rendeiros, etc. afim de estes se defenderem da acção espoliadora do Estado, dos grandes proprietários e da usura capitalista, procurando pela criação de diversas formas de associação agrícola, desenvolver o espírito associativo afim de enfraquecer o estreito individualismo dominante no campo e estabelecer uma cada vez mais íntima relação organica e ideologica entre operários e camponeses.

## A propaganda entre os operários

O P. C. sendo de opinião que é necessário captar a mulher para a causa da

emancipação humana, envidará todos os esforços para crear uma organização comunista feminina, defendendo desde já o principio da igualdade dos salarios para os dois sexos em trabalhos da mesma especie, o direito da participação das mulheres no combate pelas reivindicações quer politicas, quer economicas dos trabalhadores e a unificação destas reivindicações para ambos os sexos.

## A organização das Juventudes Comunistas

O P. C. deverá prestar a este assunto a maxima atenção, dando toda a assistencia quer moral, quer material à sua juventude procurando desenvolvê-la de forma a pô-la ao abrigo da influencia de elementos nocivos e desmoralizadores, preocupando-se sobretudo pela sua educação comunista de forma a transformar os seus jovens em militantes habilitados e conscientes.

Nos seus órgãos na imprensa reservará secção ou artigos que lhe serão especialmente dedicados.

Dará representação à sua juventude em todas as comissões partidarias e por intermédio dos comunistas sindicados defenderá nas organizações operarias todas as reivindicações da juventude trabalhadora.

## A politica colonial

O P. C. dará todo o seu apoio, às ligas, associações, partidos, etc., que tenham por fim defender as populações das colonias portuguesas contra todas as extorsões capitalistas e estadistas.

Defenderá as reivindicações de ordem politica ou economica das colonias, combatendo as formas ainda existentes de esclavismo disfarçado.

Propagará pela extensão das liberdades politicas e sindicais às colonias e pelo direito à coligação e associação dos trabalhadores indigenas.

## A ação cooperativista

O P. C. considerando que o proletariado como classe deve crear tanto quanto possível o tipo das organizações que se possam substituir numa sociedade comunista às agremiações burguesas quer no campo politico administrativo (por intermédio das comunas); quer no campo economico da organização da produção da tecnica e do trabalho (por intermédio das organizações sindicais), quer no campo da distribuição e do consumo (por intermédio das cooperativas); não pode portanto descurar o problema cooperativista, pois o considera como forma organica destinada a dar solução à função social da distribuição e consumo dos produtos.

Resolve portanto interessar-se pelo estudo e solução deste problema creando uma comissão especial partidaria que agregue todos os seus aderentes cooperativistas com o fim de iniciar uma campanha tendente à difusão dos principios comunistas entre os cooperadores e tendente tambem a influenciar as cooperativas de forma a torna-las num auxiliar do movimento operário.

Continua

Vemos na Batalha de 19 do preterito no relato das sessões do Conselho Confederado da C. G. T.

Mannel Nunes lê o relatório da sua lig e Aldeia Nova de S. Bento pelo 1.º de Maio, por uma passagem da qual se constata haver em Sobral d'Adiga um filiado no partido comunista que está reorganizando o sindicato dos rurais, o que faz duvidar das suas intenções.

O nosso presado camarada dr. Augusto Miranda, medico em Sobral d'Adiga, um dos mais prestigiosos membros do P. C. P. pela sua cultura, pelo seu desinteresse e pela sua dedicacão, é o comunista visado no relatório do Nunes. Quem será este Nunes que põe em duvida as intenções dos comunistas? Descance o Nunes e todos os outros Nunes que os sindicatos organizados pelos comunistas ingressarão na C. G. T. E' que o Nunes não sabe que a J. G. nos impõe o dever de fortalecer a organização sindical e de batalhar pela unidade da familia operaria.

E assim o compreende o nosso camarada dr. Augusto Miranda, batalhador de fija tempera, a quem as belezadunas dumi Nunes qualquer não podem arranhar a epiderme.

Ora o Nunes...

O socialismo quer a liberdade completa do homem, mas aqui é preciso não nos equivocarmos. Não ha palavra mais elastica do que esta: liberdade. E' um manto que encobre toda a quantidade de transaccões.

Sob o pretexto da liberdade dos cultos, os campeões do mais radical liberalismo tolerariam em tudo e por tudo as praticas religiosas, isto é, o perigo certo da violação intelectual da criança, que pelo seu cerebello deformado se arrisca a ser levada à insupportabilidade moral de exercer clementemente a sua faculdade de querer.

Depille

Os anarquistas conscientes não pretendem que um sindicato se declare artificialmente anarquista. Se o fazemos ou não ficariam nele os anarquistas, passando a ser um grupo de ideias, como os outros grupos anarquistas, sem ser, portanto, a utilidade particular do agrupamento de interesses, do sindicato; ou o sindicato seria anarquista de nome, por artificio autoritario. Isto é, seria menos anarquista quando tal se declarasse. E se a doutrina adoptada fosse um conjunto, velho ou novo, de formulas, theorias e previsões optimistas, bem os mal fundadas sobre o movimento sindical, chamasse-se embora socialismo a sua teoria, ainda se iria contra o verdadeiro sindicalismo, pois não teriam lugar no sindicato os operários que o não professassem, republicanos, social-democratas, anarquistas, etc. Seria um novo partido politico, não a classe operaria organizada.

Nuno Vasco

## CENTRO COMUNISTA DE LISBOA

São convidadas os socios do Centro Comunista de Lisboa, no gozo dos seus direitos, e que o possam provar pela apresentacão da cota de Maio, a reunirem em assembleia geral no proximo domingo, 17 do corrente, para eleicão dos nove corpos gerentes.

A reuniao efetua-se na Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, calçada de Custodio Branco, Sariva, n.º 4, 2.º (à San. Vta) pelas 13 horas.



# ORGANIZAÇÃO COMUNISTA; MEIOS E FINS

## THESE PARA O 1.º CONGRESSO COMUNISTA PORTUGUÊS

### As contradições do regime capitalista

Os factores acima mencionados impeliram a produção, multiplicaram-na. E muito mais poderia multiplicar-se a capacidade de produção, mas esta é circunscrita e limitada pelo poder de compra que se manifesta nos mercados consumidores.

Quando por um erro de cálculo ou por circunstâncias imprevistas as mercadorias excedem a capacidade de aquisição, a produção para, encerrando-se as fabricas e lançando-se centenas de famílias na miséria extrema por um desemprego súbito. Espantosa contradição! Os produtores sofrem fome e miséria porque os produtos abundam.

Algumas vezes atacam-se as mercadorias sobrando com risco de deterioração ou destruição-se propositalmente, isto é, cria-se a escassez de facto onde existia a abundancia. Da escassez forçosamente criada resulta a elevação dos preços a tal ponto que essa elevação chega a cobrir os prejuizos das mercadorias propositalmente inutilizadas, e até, não raro, leva à arrecadação do lucro. São a comodidade, a saúde, e a própria vida de populações inteiras que estão à mercê e subordinadas aos interesses particulares dos detentores dos meios de produção.

As leis básicas da economia burguesa são iludidas. O cartel e o trust geram o acambramento e o monopólio que inutilizam a lei da concorrência e em vez dos preços se fixarem pela oferta e pela procura eles são impostos ao consumidor com a margem de lucros previamente estabelecida pelos detentores das mercadorias.

Mas a harmonia nem sempre é completa entre os capitalistas dos diversos Estados. As barreiras patrióticas, não obstante o caracter cosmopolita do capitalismo, e até por efeito desse caracter, dividem os capitalistas em grupos rivais.

### Solidarismo do capitalismo e do Estado e Imperialismo

Os limites do Estado são demasiadamente estreitos para as necessidades de expansão do capitalismo. Este carece incessantemente de novos mercados para colocação dos seus produtos.

Os Estados, democraticos ou não, são forçados a proteger os seus capitalistas. A comunidade de interesses entre o Estado e o capitalismo resulta evidente dos seguintes factos: 1.º — O capitalismo encontrando saída facil para os seus produtos, desenvolve as suas industrias, multiplica o trabalho, ocupando mais braços, eleva os salários e melhora a divisa cambial pela maior saída das mercadorias; 2.º — Além de evitar perturbações sociais pela eliminação do desemprego, o Estado beneficia directamente desta situação pela maior participação que toma na cobrança dos direitos aduaneiros, quer nos produtos saídos, quer nas materias primas entradas para a fabricação desses mesmos produtos.

A luta pela conquista dos mercados, a guerra imperialista, é pois uma consequência fatal do desenvolvimento capitalista.

Tempos houve em que a abundancia dos mercados queitava o choque dos diversos capitalistas. Os mercados, porém, foram esgotados. Não ha já mercados novos a descobrir. Quando conhecido está o mundo, por outro lado, alguns mercados que foram até certa data fornecedores de materias primas e consumidores de produtos manufacturados, cessaram-se atualmente, ou por um desenvolvimento proprio ou auxiliado por condições naturaes ou por uma emigração de capitães canalizados, permitindo a existencia de riquezas jacentes a explorar nos mercados ditos, encontram-se na situação não só de serem

os subsidios das antigas metropoles como até de concorrerem com elas na competencia industrial e comercial. É o caso da Inglaterra com os seus dominios da Australia, Canada e Africa do Sul, e da Hespanha com as republicas sul-americanas e até, dentro de certos limites, do novo paiz com o Brasil, que nos dispensa cada vez mais como paiz fornecedor.

A maneira que os mercados vão escasseando vai-se intensificando a luta entre os diversos capitalistas que arrastam após si os respectivos Estados ás guerras imperialistas. É o inicio da catastrophe, admiravelmente prevista por Marx. A guerra de 1914-18 é uma guerra caracteristicamente de competencias industriais.

### A falencia dos socialistas-democratas

Nos tomamos acima boa nota da intima solidariedade existente entre o Estado e o capitalismo. Esta solidariedade mantém-se sempre e através de tudo não obstante algumas reformas politicas e operarias que dão aos espiritos superficialmente a ilusão de que o Estado actual se opõe ao capitalismo.

Certas previsões de Marx, não realizadas, antes verificadamente contestadas, como a da concentração da propriedade agraria, que cada vez se fragmenta mais; a melhoria de situação moral e material de certas categorias de operarios; o acrescimo de certa camada indennida como classe e que serve de anteparo ao capitalismo; enfim, outras circunstancias ainda, entre as quais são de mencionar o espirito acomodaticio e o horror ás responsabilidades que se apoderaram de muitos dos leaders do operariado, quando não a inconsciencia e a traição, tudo isto levou ao avolumar duma corrente que reputava possível o triunfo do socialismo por um processo simplesmente evolutivo. Esta ilusão arrastou os socialistas-democratas e os reformistas de toda a especie a uma ostensiva colaboração de classes, apegoou-os a um criterio estreitamente nacionalista e d'al as suas responsabilidades na recente guerra imperialista e nas muitas guerras colonias dos ultimos tempos. E são tão patentes estas responsabilidades que nos dispensamos de referi-las, as quaes responsabilidades atestam uma falencia completa para realizar a emancipação do proletariado. De resto, tudo o que havia em Marx e Engels de revolucionario, foi zangado.

Para nós, os comunistas, o caracter internacional da Revolução é uma aspiração fundamental. Sem esta aspiração realizada os Estados proletarios não terão reposso porque subsistindo as barreiras fiscaes subsistirão as economias privadas de cada nação e logo e consequentemente a necessidade da nação armada e as lutas de Estado contra Estado pela hegemonia economica. Este criterio internacionalista afasta-nos de toda a politica colaboracionista com o regime burguez que tem além de outros inconvenientes este que é essencial — o de sua politica ser caracteristicamente nacionalista e oposta por isso ao sistema economico que o periodo actual impõe. O que nós queremos é uma economia unica numa republica unica ou numa serie de republicas proletarias livremente federadas, entre as quaes não possam existir as rivalidades economicas e a divisão das classes.

A tatica dos socialistas-democratas longe de conduzir a este objetivo não faz mais do que manter o regime existente. O perigo da ditadura do proletariado que nós consideramos indispensavel e basico, não só para destruir todos os restos de que se apoderou a burguesia para exercer o seu dominio como para aclarar e intensificar o mercado de produção e de circulação, substitua-los pela conquista legal dos poderes publicos e pela evolução natural do capitalismo.

# REUNIONES DE LISBOA

Realização do seu aniversário e a continuação de J. Carlos Rates

Realizou-se no pretérito domingo, 3, a festa do 32.º aniversário da Associação dos Alfaiates de Lisboa, que decorreu brilhante.

A noite o nosso camarada J. Carlos Rates realizou a sua annunciada palestra, defendendo desta maneira a attitude do Partido Comunista perante a organização sindical.

Tem-se dito, ou por ignorancia ou por malevolencia, que a I. C. pretende e quer subordinar o movimento sindical. É um erro se não é uma mentira tendenciosamente forjada.

O que a I. C. quer e pretende é generalisar a Revolução ao intuito inteiro e quer faz-lo de colaboração com o proletariado organizado dos diversos paizes; e que a I. C. quer e pretende é opôr ás forças conluídas e disciplinadas da burguesia internacional a unidade consciente das forças proletarias; o que a I. C. quer e pretende é que os comunistas tenham no seio da organização sindical o direito de detenderem os seus metodos de acção e os seus pontos de vista ideologicos como tem os partidarios das outras escolas socialistas; o que a I. C. quer e pretende é que o sindicalismo, considerado como o conjunto das organizações operarias de base corporativa, seja um campo aberto aos proletarios de todas as tendencias e não o campo fechado a uma só tendencia como pretende a Internacional de Berlim, desvirtuando a essencia propria do sindicalismo.

A I. C. quer pois aquilo a que legitimamente tem direito. Do resto, a I. C. dirigida pelos revolucionarios russos, isto é, pelos homens que fizeram a maior Revolução de todos os tempos, e não só isso, que a tem defendido com uma energia feroz contra as arremetidas da Europa inteira, a I. C. dirigida por homens taes, tem uma autoridade especial para dizer como se fazem revoluções e como elas se defendem.

Tem-se dito tambem, e no intuito evidente de deprimir a Revolução russa, que as concessões feitas ao capitalismo, tiram todo o caracter socialista á organização economica do novo regime.

Isto não é verdade. A industria dos transportes russos, que ocupa 950.000 operarios, está toda nas mãos do Estado proletariano. As outras industrias mais importantes, constituindo uns 400 trusts e ocupando mais dum milhão de operarios, estão tambem socializadas. Ha ainda 40.000 operarios nas cooperativas de produção e nas empresas capitalistas outros 40.000. Eis a grandeza das concessões feitas ao capitalismo na Russia. Por cada fracção de 18 operarios que trabalham nas empresas particulares ha 350 que trabalham nos trusts do Estado sovietico, isto é, apenas 7% dos operarios russos estão sujeitos ao serçico do capitalismo privado.

O orador fez ainda largas referencias á situação de organização sindical perante o Estado sovietico.



# O COMUNISTA

Vende-se em todas as tabacarias

Telef. n.º 4110

**SOCIEDADE LUSITANA DE ALIMENTAÇÃO, L.ª**

Necessarias por atacado e por meudo

Especialidade em champagnas, licores e vinhos do Porto

63-65-RUA 20 DE ABRIL-69-71

**LISBOA**

Telefone 4103 N.

Fabrica de Torneiras e valvulas de todos os sistemas

Canalização para agua e gaz

Instalações electricas

**Nacional Metalurgica, L.ª**  
292, Rua do Bomfornoso, 292

Fundição e Forjas  
SERRALHERIA  
MECANICA E  
Civil  
**TORNOS**  
e  
**CALDEIRARIA**

**JOSÉ VIEIRA**  
CONSTRUTOR CIVIL

Encarrega-se, por preços modicos, de todos os trabalhos da construção civil, restauração de moveis, pinturas, decorações, forrações de casas a papel, estuques, taboletas e armações, etc.

**OFICINA**  
RUA DO CRUZ DOS PRINCES, 111, PORTO 2.  
**LISBOA**

**SAPATARIA LUSITANA**  
de  
**CARDOSO & OLIVEIRA**

Calçado para homem senhora e criança

Encarrega-se de todos os trabalhos por medidas

Emprega-se as melhores materias primas, nacionais e estrangeiras

25, Rua dos Polacos de S. Bento, 25  
**LISBOA**

**ARTIGOS DE ELETRICIDADE**  
INSTALAÇÕES DE LUZ ELÉTRICA, MOTORES, ASCENSORES, CAMPAINHAS, PARA-RAIOS, ETC.

Canalizações para agua e gaz

Fios aos melhores preços do mercado

Talipas ao preço da fabrica

Grande sortido de candieiros de parede, de suspensão e portateis

Esquentadores, ferros de engomar e toda a demais materia electrica nas melhores condições

R. Nova do Almada, 16  
Telef. C. 5439  
**Lisboa**

**A ELECTRICITY**

**OS MISERAVEIS**

A obra monumental de Victor Hugo, edição ilustrada a tomos de 660

Brevemente  
**O AUXILIO MUTUO** de Pedro Kropotkin e **A PECADORA DA GALILEIA** por René Emery.

Recipio tipografico, artigos de escritorio e escolares, cartuchos, actualizações, etc.

Pedidos a **EDUARDO BARRALHO**  
**JOAQUIM CARDOSO, LIMITADA**  
RUA DOS POLACOS DE S. BENTO, N.º 27  
**LISBOA**

**Valerio, Lopes & Ferreira, L.ª**  
**FERRAGENS E FERRAMENTAS**

Metais, costelarias, talheres, laca esmaltada, parafusos, fundas para caldeiras, guarnições para moveis

Chapa ferro preto e zinco

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

1163 (lote, 2930, N.  
gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86—**LISBOA**

Trabalhos tipograficos em todos os generos

**IMPRESSA LISBOENSE, L.ª**

Impressão de livros, jornais, revistas, etc.

Rua da Precisação, 76, 1.º  
Travessa do Jasmin, 12  
**LISBOA**

**"O COMERCIAL"**

Chapelaria e Sapataria  
DE  
**Antonio d'Oliveira**

19, Rua do Rato, 21  
SU JOURNAL  
89, R. Polacos S. Bento, 93

**GRANDE SORTIMENTO DE CAMISAS E CALÇADOS**  
Preços resumidos